

# A “ideologia de juventude” como dispositivo de biopoder: a transformação de uma fase da vida em um estilo de vida, e o entrave à emancipação política

Palavras-chave: Juventude. Ideologia. Emancipação política. Autonomia. Dispositivos de Biopoder.  
Key-words: Youth. Ideology. Political emancipation. Autonomy. Biopower Dispositives.

**Kelly Janaína Souza da Silva**

Doutoranda em Filosofia  
pela Universidade Federal  
de Santa Catarina (UFSC).  
Endereço eletrônico: kelly\_  
phoenix@hotmail.com.

## Resumo

Em suas investigações, Agamben atribui três características principais ao chamado dispositivo: ele possui caráter heterogêneo, se inscrevendo como uma rede que se estabelece entre elementos distintos; possui função estratégica concreta, que se encerra em uma relação de poder; e, por fim, é algo de geral, pois pode incluir em si a episteme dos enunciados científicos ou não. Assim, faz-se simples tomar por dispositivos aquelas disposições que escancaradamente se manifestam como tal, (aparelhos celulares, de TV, número do CPF, etc.), – formas que facilmente controlam os sujeitos com sua tácita autorização. Entretanto, dispositivos também podem ser, de forma menos óbvia, as ideologias, culturas, processos midiáticos, padrões de comportamento e qualquer outra forma que se encerre enquanto biopoder, sendo ampla e inquestionadamente aceita pela maioria. Atualmente, a ideia de juventude<sup>1</sup> rende crianças e adultos: parece não haver uma demarcação precisa das configurações das etapas da vida. A solidificação da ideia de juventude como uma etapa que não compreende, necessariamente, uma fase ou faixa etária, compromete no “homem político” (*homo zoon politikon*) a emancipação e a autonomia, obnubilando o sentido de consciência em um cenário que torna trivial a emancipação política. É assim que ela pode ser entrevista como um dispositivo de biopoder.

## Abstract

In his investigations, Agamben attributes three main characteristics to the so-called device: it has a heterogeneous character, subscribing as a network that is established between different elements; it has a concrete strategic function, which closes in a relation of power; and,

ISSN 2359-5140 (Online)  
Ipseitas, São Carlos, vol.4,  
n.2, p. 24-38, ago-dez, 2018

---

1 Faz-se importante destacar que um dos objetivos desse ensaio é compreender o termo juventude em duas acepções distintas: a primeira, enquanto a natural fase da vida, que se concentra da adolescência aos vinte e quatro anos (15 aos 24 anos, segundo a Organização das Nações Unidas – ONU); a segunda, enquanto uma ideologia que se propaga por meio da artificialização do corpo humano e dos comportamentos triviais dos jovens (ou a não maturação psicológica), mas verificados, especialmente, em pessoas mais velhas. Nesse segundo caso, fazer uma breve análise da legitimação social ante o fenômeno e mencionar suas naturais consequências, como padrões de beleza e de consumo concentrados em jovialidade, que dão lastro a eventos contemporâneos pontuais não constatados em outras épocas.

finally, it is something general, for it may include in itself the episteme of scientific statements or not. Thus, it is simple to take by dispositives those dispositions that openly manifest themselves as such (cell phones, TV, CPF number, etc.), – forms that easily control subjects with their tacit authorization. However, dispositive can also be, less obviously, ideologies, cultures, media processes, behavior patterns, and any other form that ends up as biopower, being broadly and unquestionably accepted by the majority of people. At present, the idea of youth yields children and adults: there seems to be no precise demarcation of the configurations of the stages of life. The solidification of the idea of youth as a stage that does not necessarily comprise a stage or age group compromises the “politician” (*homo zoon politikon*) with emancipation and autonomy, obnubilizing sense of consciousness in a scenario that makes it trivial to political emancipation. This is how it can be interviewed as a biopower dispositive.

\*\*

Agamben (2005) delimitou a palavra “dispositivo” a partir dos estudos foucaultianos: estudos, em sua maioria, pautados nas questões de normatividade humana no que concerne ao seu comportamento. Foucault (1978) utiliza as expressões *biopolítica* e *biopoder* – a primeira para designar práticas disciplinares que têm como foco governar populações inteiras, ao contrário das formas de poder anteriores ao século XIX, as quais preconizavam o governo dos indivíduos; e a segunda, para conceituar os modos de exercer as várias técnicas que podem se inscrever em uma única tecnologia de poder. São biopoderes como a gestão da saúde, a higiene, a normatização da sexualidade, os costumes, entre tantos outros, que dão margem à biopolítica para o amplo e irrestrito controle da vida – e também é pensando neles que Agamben vai delinear o que seja um dispositivo.

Em suas investigações, Agamben atribui, essencialmente, três características principais ao chamado *dispositivo*: ele possui caráter heterogêneo, se inscrevendo como uma rede que se estabelece entre elementos distintos (tais como discursos, instituições, leis, etc.); ele possui uma função estratégica concreta que se encerra em uma relação de poder; e, por fim, ele é algo de geral, pois pode incluir em si a *episteme* dos enunciados científicos ou não. Assim, faz-se simples tomar por dispositivos aquelas disposições que escancaradamente se manifestam como tal, por exemplo, os aparelhos celulares e a televisão; ou o número do CPF, a biometria e a placa do automóvel, além de outras formas que facilmente controlam os sujeitos com sua tácita autorização. Entretanto, dispositivos também podem ser, de forma menos óbvia, as ideologias, culturas, processos midiáticos, padrões de comportamento, e qualquer outra forma que se encerre enquanto

biopoder, sendo amplamente e de forma não questionada, aceita pela maioria. Essa maioria não constata a forma dada como imposição, mas como *o normal, o natural*, ou seja, o *status quo*, uma vez que a ausência de senso crítico faz com que, muitas vezes, essas formas dadas jamais sejam interrogadas. Ao exame dessa contextualização, como não enquadrar a juventude como dispositivo, se a partir de sua transição de “fase” da vida (construção social) passou a ser considerada, gradualmente, como um “estilo” de vida<sup>2</sup> (fenômeno social), obnubilando o sentido de consciência em um cenário que torna trivial a emancipação política? Se socialmente o verdadeiro poder é conferido a quem é jovem, e com ele, imbuem-se atributos como o sucesso, a beleza e a saúde, talvez seja possível supor que a ideologia de juventude exerça um papel tão importante junto às populações que temem envelhecer e perder seu suposto “poder”, quanto o mito da beleza<sup>3</sup> feminina é uma das ferramentas que mais entrava a emancipação política das mulheres. Embora o termo aqui, *ideologia de juventude*, seja cunhado originalmente, não é difícil encontrar noções basilares do marco conceitual acerca de sua concepção quando examinadas algumas análises que remontam desde o começo do século XX.

Mas, para compreender melhor essas constatações, faz-se necessária uma apreciação caracterológica do que imbuí a juventude, aparentemente, de tanto fascínio ante a sociedade em geral. Atualmente, a ideia de *juventude* rende crianças e adultos: parece não haver uma demarcação precisa das configurações das etapas da vida. Além dos extremos “recém-nascidos” e “senis”, o que está no meio desses extremos é um *adulto infantilizado* ou uma *criança adultificada* – ou seja: ambos possuem um padrão motivacional estimulado pela cultura de viver um estilo de vida tendo a juventude como modelo, e sem que algo precise delimitar o fim de uma etapa (infantil) e o início da outra (vida adulta). Pois, ainda que pareça mais segmentada e com diversos aspectos da vida dedicados só a ela, a adolescência tem se erigido mais como uma ponte que conduz de uma etapa à outra, mas que, no entanto, nunca chega ao fim. É cada vez mais legitimado ao jovem inserir-se em uma espécie de adolescência contínua, sem que lhe sejam exigidas grandes responsabilidades, além das obrigações legais comuns à maioridade.

Ortega Y Gasset (1987) escreveu em 1927 que dividir os indivíduos por gênero e idade constitui a estrutura mais primitiva da sociedade e

2 Aqui, *estilo de vida* pode ser definido a partir de Giddens (2002), como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas lhe preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de autoidentidade (p. 79).

3 Referência ao livro *Mito da Beleza*, de Naomi Wolf, que aborda a imposição da imagem feminina a partir de estereótipos opressivos às mulheres nas mais diversas vertentes, tais como o trabalho, a cultura, o sexo e a religião, entre outras.

que, no decorrer dos séculos, acontecem naturalmente deslocamentos de poder de uma potência a outra, por isso “há épocas em que predomina o masculino e outras dominadas pelos instintos da feminilidade, que há tempos de jovens e tempos de velhos” (p.240). Insinuava ele, já à época, que então se iniciava um tempo que adquiria o “aspecto de juventude triunfante”, ou ainda, “império dos jovens”, mas Gasset é hesitante em seu ensaio em proferir qualquer certame se tal seria um fenômeno profundo, a ponto de qualificar toda uma época, ou passageiro, evadindo-se o autor de qualquer prognóstico. Porém, ele esboça uma linha histórica sobre o predomínio por idade e sexo ao longo dos séculos, concluindo que com o século XX se apresentava uma mocidade imperante, e cujos valores ressaltados são essencialmente masculinos<sup>4</sup>, ainda que ambos os sexos busquem perpetuar a juventude. Diz ele:

Todas as gerações do século XIX aspiraram a ser maduras o mais rápido possível e sentiam uma estranha vergonha de sua própria juventude. Compare-se com os jovens atuais – de ambos os sexos – que tendem a prolongar indefinidamente sua juventude e instalam-se nela como se fosse definitiva. (ORTEGA Y GASSET, 1987, p. 243)

As gerações anteriores preocupavam-se com a maturidade, sentindo sua juventude como uma “transgressão ao dever”. É que até então, todos os costumes, prazeres públicos e adentos sociais estavam ajustados para as pessoas maduras, e a reviravolta nesse sentido é grande, quando os jovens passam, então, a dominar as mais diversas esferas de representatividade e poder. Ainda que quase um século tenha se passado desde as divagações de Gasset, é interessante perceber a semelhança descritiva com o momento atual – semelhança, porém, talvez exacerbada por uma era em que impera a informação midiática e eletrônica. Entre os pontos destacados por Gasset estão: moda criada para corpos jovens (com pais buscando imitar os filhos no modo de vestir); vida objetiva que adota o tom juvenil, forçando os mais velhos a perfilá-lo; total abandono da preocupação com a velhice, além de novas características legitimadas, que anteriormente só diziam respeito a uma época específica da vida.

Hoje a juventude parece dona indiscutível da situação, e todos os seus movimentos estão saturados de domínio. Em suas atitudes transparece muito claramente que não se preocupa com a outra idade. O jovem atual vive sua juventude de

4 Gasset diz: “Após exercitar os olhos nestes esquemas do passado, que poderíamos facilmente multiplicar, volta-se ao panorama atual e se reconhece com precisão que *nosso tempo não é só tempo de juventude, mas de juventude masculina*. Hoje o senhor do mundo é o rapaz” (1987, p. 254, grifo meu). Ainda que a reflexão completa de Gasset em *Rebelião das Massas* seja permeada por certa limitação de pensamento sexista, é possível extrair de suas divagações algo para equacionar questões de gênero que ainda hoje vigoram. Para ler mais: *A Rebelião das Massas*, nos caps. *Juventude e Masculino ou feminino?*

hoje com tamanha determinação e ousadia, com tamanha despreocupação e segurança, que parece existir só nela. Não se preocupa absolutamente com o que a maturidade pensa dele; mais ainda: esta tem a seus olhos um valor quase ridículo. (ORTEGA Y GASSET, 1987, p. 245)

Quando uma filosofia tal parece se incorporar a uma sociedade inteira, tem-se facilmente maneiras de forjar dezenas de indústrias que cooptam modelos de sucesso ao “ser jovem”, induzindo a uma ideologia de juventude. Tal ideologia suaviza o fato de a juventude caracterizar-se como um estágio da vida inexoravelmente transitório, permitindo que sejam desmanteladas as peculiaridades que conduzem aos estágios subsequentes, desconsiderando que a vida objetiva também precisa da maturidade – especialmente no que tange a uma emancipação política. Esta é, talvez, a manifestação mais preocupante do comprometimento e entrave à maioridade no nível do juízo político.

Benjamin igualmente debruçou-se a um ensaio leve sobre a questão da juventude (enquanto fase da vida), quando ele mesmo era um juvenzinho, dando destaque à “dormitação juvenil em um individualismo narcotizado”, e também à raiva e falta de ideais juvenis. Trata-se de um ensaio, basicamente, sobre o romantismo, todavia torna-se mister realçar em seu discurso, ao menos, a seguinte constatação:

[...] Estamos sendo enrolados, impedidos de pensar e agir, visto que nada nos dizem sobre a história, sobre o devir da ciência, sobre o devir da arte, sobre o devir do Estado e do direito. [...] É assim que se fabrica uma juventude apolítica, eternamente restrita à arte, à literatura e a vivências amorosas, sendo até nestas sem espírito diletante. (BENJAMIN, 2013, p. 55)

Embora sem um testemunho histórico do que a juventude, então, já ameaçava representar, o ensaio de Benjamin, que data de 1913, e o de Gasset, datado de 1927, já delineavam as vertentes pelas quais a fase da juventude galgaria em importância política ao longo do século. Historicamente, é a década de 1950 que traz para a juventude símbolos materiais e culturais de identidade, transmutando sua “autonomia” como uma camada social separada (HOBSBAWN, 1994, p. 318). Foi a primeira vez que a questão juvenil ganhou atenção mundial e a juventude começou a se insurgir por todo globo. A televisão foi um dos principais instrumentos utilizados pela mídia na disseminação destas ideias e, a partir disso, surgiram ícones na música e no cinema para representação juvenil, como Elvis Presley, com o sucesso do *rock and roll*, e James Dean, que teve a oportunidade de tornar-se o símbolo dessa juventude que via nele os próprios anseios, medos e dúvidas, comuns a todo jovem.

Debord (1997, p. 42) defende que existe a necessidade da instauração de uma oposição ilusória entre a juventude e os adultos, pois, a par-

tir da ótica do espetáculo, não existe nenhum adulto autônomo, dono da própria vida e, mesmo a juventude tem sua corporificação como propriedade do sistema econômico, cujos interesses precisa sustentar. Talvez seja a partir dessa ideia que, em idos dos anos 1980, tornou-se uma constante sugerir através de filmes, ícones, *boys band* ou marcas (especialmente construídas para o “mercado *teen*”), que essa é a melhor *fase* da vida. E aquilo que deveria ser apenas isso – uma fase – passou, pouco a pouco, a ser reconhecida como um *estilo*; incentivada muito mais precocemente, sem ter data certa para acabar, notando-se certa incitação para que os indivíduos continuem a “curtir a vida” indefinidamente, sem arcarem racionalmente com as responsabilidades que a idade adulta deveria implicar. Percebendo que o que a mídia nos vende é, quase sempre, também um meio pelo qual nossa identidade pessoal e coletiva é construída, o exame minucioso de alguns aspectos da *juventude* como modelo mítico na sociedade pós-moderna pode mostrar como, a partir de uma *ideologia da juventude*, deriva todo um arsenal revestido de ícones representativos, valores e comportamentos que se instalaram de maneira insuspeita como um biopoder, capaz de entravar a autonomia pessoal e a emancipação política dos sujeitos.

A lógica da juventude enquanto um estilo de vida controla, hodiernamente, o ritmo do mercado, embora isso possa ser uma situação discricionária. Trata-se de amparar as decisões de consumo de adultos baseadas em gostos adolescentes, bem como apagar a tênue linha que separa uma geração da outra, conduzindo sempre à ideia de que a cronologia é inexistente, – ou, se existe, ela é apenas um mero detalhe – tudo isso da forma alegre e leve que dita os prazeres da juventude, sem obliterar, entretanto, que eles possam ser também os prazeres dos mais velhos (ou das crianças). Tudo isso é feito, obviamente, com o suposto consentimento dos envolvidos. Nosso tempo caracteriza-se, então, pela *adolescência* quase perpétua, pois esta começa mais cedo e quase não termina.

A cultura americana possui papel importante no estímulo a um “modo de ser jovem”: no século XX, houve uma ascensão irresistível dessa cultura na globalização das linguagens, além de vestuários (“tribos”), e marcas (de alimentos, roupas, *fast food*, aparelhos eletrônicos) que têm a juventude como arquétipo; e jovens de todos os lugares são encorajados a imitar e comprar produtos *made in USA*, com seus significados simbólicos. Todas as ideias difundidas pelos filmes e ídolos americanos, ao longo do tempo, introduziram modismos e comportamentos junto à juventude, que vão desde seu *jeans* e tênis às carícias eróticas, drogas, promiscuidade, culto ao corpo, yoga, *piercings* (TABORELLI, 1999, p. 255). Por esses comportamentos e modismos “virem de fora” para a maioria, eles podem ser considerados alienantes.

Maria Rita Kehl corrobora:

Essa transformação do adolescente em fatia privilegiada do mercado consumidor inaugurada nos Estados Unidos e rapidamente difundida no mundo capitalista, trouxe alguns benefícios e novas contradições. Por um lado, a associação entre juventude e consumo favoreceu o florescimento de uma cultura adolescente altamente hedonista. O adolescente das últimas décadas do século XX deixou de ser a criança grande, desajeitada e inibida, de pele ruim e hábitos anti-sociais, para se transformar no modelo de beleza, liberdade e sensualidade para todas as outras faixas etárias. O adolescente pós moderno desfruta de todas as liberdades da vida adulta mas é poupado de quase todas as responsabilidades. (KEHL, 2007, p. 46)

A juventude é também alardeada na publicidade, na cultura *pop* e no cinema, influenciando em gostos, hábitos de consumo e na revolução comercial que descobriu no público jovem uma vertente capaz de incitar aos mais diversos interesses. Ainda que se delineiem em torno dela eventos políticos e de contracultura de grande monta, tais como o Maio de 1968 ou o festival musical de Woodstock (1969), a alusão à juventude, em geral, permeia mais ideais revolucionários que a efetiva ação política plena, que se configuraria pela reunião dos cidadãos e cidadãs de forma pública, de modo a debater os assuntos e interesses da vida comum, e atualmente encontra-se reduzida ao intercâmbio que promove a satisfação das mútuas necessidades, o que resulta em uma cidadania política periférica. Não se trata aqui de romantização ou idealização da atividade pública, mas da ideia que carrega a palavra *política*. Mas, para a existência de um espaço público com adequada troca política, seria necessário que o conteúdo intelectual consumido pelos jovens competisse com o entretenimento, que é a principal influência que molda os seus pontos de vista nos mais variados aspectos nos dias de hoje. Além disso, o apagamento das linhas demarcatórias entre as diferentes fases da vida pode estar, de certa maneira, implicado nessa participação política como periferia, uma vez que os diversos biopoderes que se instauram, compreendem, direta ou indiretamente, sobre a não maioria<sup>5</sup> (no sentido kantiano) dos indivíduos.

Ainda na mesma vertente, têm-se testemunhado, ano a ano, aumentarem os investimentos cosméticos e de pesquisas na prevenção ao envelhecimento, e não necessariamente como uma preocupação com a saúde, mas antes, como uma forma de buscar a fonte da tal “ju-

5 O conceito de autonomia, em Immanuel Kant, compreende um estado de “maioridade”, onde o sujeito é responsável por seus atos e passa da heteronomia a um estado em que é seu auto-legislador. Para que chegue a esse estado autônomo, a pessoa precisa conquistar o esclarecimento (*Aufklärung*), que vem a ser o processo de emancipação intelectual que supera a ignorância e a preguiça de pensar por si própria, além do desenvolvimento da crítica àquilo que é inculcado intelectualmente pelos demais (sejam outras pessoas, instituições ou governos).

ventude eterna”. Desenvolvem-se cada vez mais produtos estéticos e medicamentosos que prolongam as respostas biológicas, caracterizando certa anacronia proposital nas diversas faixas etárias que compreendem as fases da vida. Isso não seria uma questão propriamente negativa, se todo o lazer e o entretenimento, por sua vez, também não viessem se constituindo, nas últimas décadas, visando ao consumo jovem ou, mais grave que isso, a uma forma de *recepção dos estímulos* de maneira juvenil, com caráter predominante de aproximar a compreensão de crianças e adultos. Dessa forma, o culto à juventude vai além da faixa etária que compreende: as crianças querem logo chegar a ser *teens*, e os adultos prorrogam suas adolescências sem nenhum constrangimento; – termos como *kidults*, *adultescentes* e *geração canguru*, então, se tornam usuais na referência a pessoas com até mais de trinta anos. Em algumas camadas da população, parece até mesmo existir certo incentivo a que pais e filhos, mães e filhas, sejam cada vez mais parecidos, indistinguindo-se as idades ou, em sentido oposto, pais que vivem com seus filhos na mesma casa até estes estarem com idade bem superior aos dezoito anos (a maioridade legal), mantendo a dinâmica “papai-mamãe-filhinhos”. Tem-se, ainda, o estímulo à criação filial sem nenhuma autoridade parental – o que, mesmo que conduza a outras discussões, também pode ser consequência da ausência de uma demarcação que separe crianças e adultos na contemporaneidade, além da menor responsabilidade com que são conduzidas as relações humanas a partir desse ideal.

Decorre disso tudo que essa alteração na maneira de compreender o mundo transforma o sentido de consciência e o significado do julgamento político, do mesmo modo que infantiliza o adulto ao proclamar o bem-estar corporal, o prazer físico, a aparência, os bens de consumo e o entretenimento como cernes da vida, não apresentando formas e conteúdos que exijam habilidades analíticas, julgamento maduro ou simplesmente a retórica da transação comercial, entre tantos outros atributos que se minimizaram ao longo desse processo de endeusamento e extensão de uma específica etapa da vida.

Na atual fase do capitalismo, dispositivos não agem mais (somente) pela produção do sujeito, mas antes, pela sua dessubjetivação: a promoção de formas capazes de normatizar e legitimar cada vivente sem a sua percepção do fato é uma ferramenta elementar, fácil, necessária e invisível. Nesse sentido, uma ideologia de juventude se localiza enquanto dispositivo, pois possui a capacidade de prescrever sucesso, beleza, consumo e poder, todos em um único elemento (*ser jovem*), instituindo automaticamente as características contrárias a tudo o que não corresponder a esse ideal (vide, a maturidade e a velhice e a forma como são encaradas contemporaneamente; ou mesmo a famosa



“crise dos 30”). Assim, adultos tutelados tornam-se cada vez mais dependentes do que for ditado ou sugerido por instituições abstratas, à custa de sentirem-se confortáveis e mimados, e tampouco percebem que estão sendo conduzidos.

As formas que sugerem ou ditam a juventude como sinônima de tudo o que é positivo e elevado são diversas. Matérias que enfatizam a importância de ser bem sucedido profissionalmente, viajar o mundo e “ganhar o primeiro milhão”, tudo *antes dos 30 anos*, acabam destacando sub-repticiamente a ideia de que essa é a faixa limite para ter sucesso na vida, condenando ao desespero e à sensação de fracasso aqueles que, porventura, chegam a essa idade sem a inscrição em tais símbolos de *status* e poder. Porém, como antídoto a esse desespero, a ideologia de juventude vem, ao mesmo tempo, resgatá-los, lembrando-os que basta se vestirem, se comportarem e consumirem como se dezoito anos tivessem, para que, magicamente, possam retornar e estacionar nessa fase da vida, sem as maiores responsabilidades que a vivência de um adulto perpetra. Logo, em consequência, há uma negação geracional que faz com que figuras de poder (como os pais, por exemplo) abdicuem do seu papel de autoridade em busca de conservar sua identidade “jovem”, tendo em vista que o amadurecimento é visto como algo ruim e que a atual percepção do corpo como representação da consciência (e não mais o desenvolvimento intelectual, como na fase iluminista) exige que se tenha esse culto físico em detrimento do esclarecimento e do desenvolvimento do intelecto e maturacional, apontando para a valorização do corpo biológico em torno e a partir do qual se pensam os processos políticos e sociais e constituindo em ponto determinante nessas dessubjetivações.

Todos esses aspectos atuam na construção de um imaginário em que a juventude (e outros atributos associados a ela, já mencionados, como aparência física e sucesso) possui um poder que, na verdade, não possui, e sim, lhe é emprestado, por meio de arquétipos e símbolos culturais. A solidificação da ideia de juventude como uma etapa que não compreende, necessariamente, uma fase ou faixa etária, compromete no “homem político” (*homo zoon politikon*) a emancipação e a autonomia, que caracterizam o adulto como um sujeito com habilidades analíticas e capacidades de conceituar seu pensamento, pautado por uma questão antes lógica que estética. Das quatro conceituações mais típicas do que é ser um adulto (histórica, filosófica, sociológica e psicológica), nenhuma delas tem seus padrões atendidos na contemporaneidade.

Historicamente, até a Idade Média, não havia um estatuto próprio para as crianças, sendo que elas eram vistas como pequenos adultos, e se lhes exigiam comportamentos equivalentes aos de um adulto,

com tal situação só começando a mudar a partir do século XVII. Já para a Filosofia, sob a visão do Iluminismo, chegar a ser adulto era desenvolver a consciência e a autonomia de ideias de tal modo que a conseqüente responsabilidade pela própria ação e o discernimento fossem naturais, a partir de um sujeito que pensa e age pela própria cabeça. Sociológica e psicologicamente, ainda que não existam teorias próprias, existem hipóteses, tais como a do sociólogo alemão Norbert Elias, que vê a idade adulta como uma moderna formação civilizada do indivíduo; ou a visão psicanalítica freudiana, que reconhece no adulto um reflexo de seus dilemas infantis inacabados, e agora é capaz de se responsabilizar pelos próprios desejos, além de superar a onipotência infantil.

Dadas essas observações, implicar o fator de trivialização do “ser político” é uma questão deveras importante. O adulto “infantilizado” está surgindo como algo natural em nosso tempo, permanecendo cidadão mais nas questões de representatividade legal que na experiência cotidiana. Isso significa que as potencialidades emocionais e intelectuais que eram exigidas de um sujeito considerado adulto em outras épocas, hoje não precisam se realizar em sua vivência política e de alteridade, não estabelecendo diferenciação na sensibilidade do adulto e da criança e fundindo as duas etapas da vida em uma só: a juventude. O reflexo disso se dá em todas as formas de relacionamentos humanos, além dos impactos que redundam em outros diversos aspectos. E nisso, a cultura *pop* cumpre papel importante, uma vez que, a despeito de sua postura aparentemente democrática e liberal, satisfaz os ditames de um sistema de dominação econômica que necessita, todavia, de uma concordância, pelo menos tácita, das pessoas à legitimação de sua existência. A Indústria Cultural capitalista não reclama inteligibilidade e raciocínio e, investida em seu poder de influência, pode exercer o papel de obscurecimento da fronteira entre a idade adulta e a infância, suspendendo diferenças de interesses, linguagem, roupas ou sexualidade de adultos e crianças – matéria que há tempos vem se cumprindo, ainda que forjada de democratização do acesso às formas de cultura (atendem a isso, por exemplo, os filmes de animação e super heróis, cujo público alvo são, na verdade, os adultos; a indústria de *games*; o *licensing*<sup>6</sup> de brinquedos e personagens, cuja intenção também visa atingir a homens e mulheres com mais de 25 anos, mas por vezes captura igualmente o público infantil; entre vários artifícios culturais e publicitários).

6 *Licensing*, ou “licenciamento”, significa a locação de um ativo intangível (geralmente, se configura em uma personagem de filme ou novela, seu nome e trejeitos), que gera um contrato de gestão e criação entre a propriedade de sua autoria e empresas ou pessoas que desejem usar a marca por um período de tempo e território delimitados e determinados. Por exemplo: cadernos do Harry Potter, bonecos do Star Wars, produtos Disney, etc.

Em uma leitura bem atual, temos Postman (2011), no qual, alguns dos fatores que podem caracterizar a idade adulta como tal são as capacidades de autocontrole, de pensamento conceitual e sequente, a valorização da razão e o adiamento das satisfações, entre outros fatores do gênero. Todavia, se levarmos em conta que a partir da mídia eletrônica os traços de caráter desejáveis passaram a sofrer interferências, afetando o desenvolvimento de potencialidades intelectuais e emocionais importantes para um adulto em uma cultura plenamente letrada – é daí que resulta, em parte, o fenômeno dos *adultescents* e *kidults*, tão populares contemporaneamente. São pessoas que, independente da idade cronológica, consideram-se com um “espírito jovem”, passando assim, a agir e se comportar de maneira infantilizada. O maior agravante é que tal comportamento não soa socialmente equivocado. Além disso, dos adultos de hoje não se exige o desenvolvimento das características destacadas por Postman, isto é: a ansiedade, a ausência de autocontrole, a falta de educação emocional e a necessidade de satisfação imediata são apenas alguns dos predicados que podem ostentar os nossos adultos sem que isso soe estranho ou anacrônico.

O alardeamento, ou ainda, a legitimação da ideia de que todas as melhores vivências e possibilidades experimentais de uma pessoa possam estar concentradas em uma única fase da vida é uma excelente arma política de não emancipação, pois além de tudo, sua forma sutil de disseminação não explícita que se trata de um dispositivo de biopoder, ou ferramenta política ao não esclarecimento das massas. Diz Agamben:

As sociedades contemporâneas se apresentam assim como corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação que não correspondem a nenhuma subjetivação real. Daqui o eclipse da política que pressupunha sujeitos e identidades reais (o movimento operário, a burguesia etc.), e o triunfo da *oikonomia*, ou seja, de uma pura atividade de governo que não visa outra coisa que não a própria reprodução. [...] Daqui, sobretudo, a singular inquietude do poder exatamente no momento em que se encontra diante do corpo social mais dócil e frágil de que se tenha notícia na história da humanidade. É por um paradoxo somente aparente que o inócuo cidadão das democracias pós-industriais (o *bloom*, como eficazmente se sugeriu chamá-lo), que executa pontualmente tudo o que lhe é dito para fazer e deixa que os seus gestos cotidianos como a sua saúde, os seus divertimentos, as suas ocupações, a sua alimentação e os seus desejos sejam comandados e controlados por dispositivos até nos mínimos detalhes, é considerado – talvez exatamente por isso – pelo poder como um terrorista virtual. (2005, p. 15)

Essa é uma forma suave e invisível de ludibriar a própria juventude legítima enquanto massa de manobra, ao direcionar seus comportamentos, estímulos, apolitismo, hábitos e aculturamento. Da mesma maneira, àqueles que já não são assim tão jovens, fica a mensagem de que amadurecer ou ser politicamente responsável é algo *chato*, além da sugestão rarefeita de que seria opcional (ou desimportante).

Por certo que a manifestação cultural consumida, em suas mais variadas expressões, não é o único ponto que interfere na constituição do sujeito e da sociedade. Dadas as diversas formas de biopoder, algumas, pode-se dizer, têm ação bem mais acentuada contemporaneamente, como a internet. Todavia, enquanto formadores de opinião, disseminadores de tendências e legitimadores de comportamentos e padrões, os processos midiáticos são uma importante autoridade, ainda que não escapem de uma cadeia que os sustenta e aporta, direta ou indiretamente. A naturalização de fenômenos como a “geração canguru” e os *kidults*, em contrapartida ao envelhecimento visto agora como processo doloroso e evitável até ao custo do ridículo, se compõe, seguramente, da alimentação de uma ideologia de juventude defendida e exaltada por processos cuja responsabilidade é transmitir a informação. Não se trata de condenar todo o ser vivente, ou a sua maior parte, à não elucubração de raciocínios ou ao ilogismo, mas apenas ao fato de que a maior parte age ou se comporta de acordo com o que é ditado como “normal” ou socialmente aceitável. E ser ou parecer sempre jovem é uma dessas máximas hodiernamente. Se, como coloca Agamben, na raiz de cada dispositivo “se encontra um desejo demasiadamente humano de felicidade, e a captura e a subjetivação deste desejo em uma esfera separada constitui a potência específica do dispositivo” (2005, p. 14), então um ideal de juventude como sinônimo de *status*, beleza e uma suposta superioridade configura, por certo, um dos maiores poderes que alguém pode ter sem muito esforço – e, a partir disso, se bastam alguns símbolos para “ser” jovem, por que envelhecer? Assim, discretamente, a maioria dos espaços psicológicos e sociais não enfatizam as diferenças entre crianças e adultos, transmutando em convivência saudável e pacífica o apagamento das linhas que separam uma vivência da outra. E assim também, o desenvolvimento dessa indistinção contribui para que o discernimento e o senso crítico desçam a um nível qualitativamente diferente de consciência política, facilitando o controle e a espécie de informação que o público recebe por meio dos principais processos midiáticos, com uma cultura produzida em escalas industriais que despreza reflexões da ordem do senso crítico de forma compulsória, buscando “estupidificar” a juventude (ou quem se alia à ilusão que “ser jovem eternamente” representa).

Da mesma maneira, essa cultura que serve especialmente a fins econômicos, cultiva uma “infância da cultura”, onde leitura e escrita não passam de tendências funcionais, e um olhar exterior se torna necessário como fonte de valores e comportamentos a serem imitados. Com tantos nichos de mercado a explorar, até mesmo a leitura sofre influência: por estar sendo oferecida em grandes *mega stores*, não foca pelo conteúdo, mas pelo *design* ou aspecto *cult* de seus materiais. É assim que essa cultura cuida de *empurrar* estereótipos e imbuir a juventude de natureza fabulosa, afinal, a responsabilidade de transmitir a informação oportuniza o poder de priorizar tendências operativas e funcionais ou a criação de pensadores – e é uma ou outra inclinação que irá inferir sobre o sentido de consciência e julgamento político de toda uma sociedade. Daí, a validade e cada vez maior fundamentação das palavras de Agamben:

Daqui a futilidade daqueles discursos bem intencionados sobre a tecnologia, que afirmam que o problema dos dispositivos se reduz aquele de seu uso correto. Esses discursos parecem ignorar que, se todo dispositivo corresponde a um determinado processo de subjetivação (ou, neste caso, de dessubjetivação), é de tudo impossível que o sujeito do dispositivo o use “de modo justo”. Aqueles que têm discursos similares são, de resto, a seu tempo, o resultado do dispositivo midiático no qual estão capturados. (AGAMBEN, 2005, p. 15)

Em meio a tantos aparatos capazes de capturar a vida confiscando aspectos relacionados à juventude como dispositivos passíveis de entrar à emancipação política, se torna mister enveredar por vias alternativas para pensar o caminho inverso. Porém, essa não é uma tarefa simples, uma vez que o estabelecimento de um *consumidor* é mais indispensável que o de um *cidadão* em nossos tempos – por isso mesmo, toda e qualquer linha de fuga para o enaltecimento da juventude como um estilo de vida passa por gradual e longínqua proposta de possibilidade. Ainda assim, medidas constantes podem se tornar viáveis a médio e longo prazos. A principal delas, certamente, seria no molde da educação. Mas, a revalorização da maturidade e da experiência de vida – aliás, de cada uma das fases da vida como importantes em si mesmas, – e o enfraquecimento da visão da pessoa idosa como inútil ou “coitada” seriam também dois resgates impreteríveis. Aqui, não se trata nem de uma “autoridade” legada pela tradição<sup>7</sup>, como defendia

7 Segundo Arendt, é a autoridade que fornece ao mundo a sensação de permanência que os homens precisam. Sua acepção do termo é a de uma autoridade fundada no saber, onde os mais sábios em uma comunidade são os que angariam o respeito de seus semelhantes, tornando-se a ideal a um nível político. Nela, existem deveres sobre a vida comum, mas esta se estabelece com fundamento no diálogo e no consenso, conduzindo a uma legislação pública que alie as aspirações e necessidades do todo. É importante também destacar que autoridade é o contrário de autoritarismo. O autoritarismo está presente quando existe o uso da força nas relações humanas, sendo então uma autoridade com base no medo e em hie-

Hannah Arendt, mas apenas do reconhecimento de um status (o de ser idoso, por exemplo) como natural e valoroso em si mesmo, sem reduzi-lo ao desdouro da vida biológica humana. Isso, concomitante a uma educação com o objetivo final de promover a *autarquia*, concebida sob o aspecto do autodomínio, pensamento autônomo, governo da razão e dimensão moral; e que, bem desenvolvida, operaria tanto no pensamento crítico individual quanto no aspecto comunitário e propriamente político de uma sociedade, ao oferecer para ela pessoas menos alienadas, mais conscientes de si mesmas e menos dependentes e manipuláveis; ou seja, minimamente capazes de discernimento. Seriam esses os fatores primordiais para que a sociedade adulta, gradualmente, passasse a ter menos prazer em ser co-tutelada politicamente e em entretenimentos anacrônicos, passando a transferir seu gozo à própria emancipação, que exige o auto exame constante acerca do exercício da própria cidadania e o resgate da visibilidade da complexa luta intelectual, espiritual e política e seus devidos arranjos institucionais sobre os problemas que essa cultura traz.

Ainda que tais construtos possam parecer utópicos ou distantes, em sociedades cada vez mais regidas pelos ditames de mercado e cada vez menos pelas vertentes do verdadeiro exercício político, são estas as tímidas chancelas que, a meu ver, podem ser propostas em vias de um novo status humano, em meio a tal emaranhado de dispositivos que avançam à morte do sujeito de pensamento e ação. Pois, prolongando a imaturidade juvenil para evitar o amadurecimento natural, experimenta-se nessa imagética contemporânea a gradual morte do sujeito inaugurado na era moderna, que era cômico de suas ações e capaz de tomar decisões por si mesmo (ou, ao menos, pretendia). Esse é um tempo, como lembra Gasset, de preferência ao corpo que ao espírito. Dessa forma, é como se o corpo biológico respondesse pela maior parte do que compõe o *ser* humano, e restar maduro é como o início da decadência, ignorando as outras demandas que constituem o *sapiens*, tais como o pensamento, a ação, as emoções. Ou seja: o uso da razão e a capacidade crítica não são os norteadores dessa juventude – a real ou a *produzida* – e o não reconhecimento desse sintoma como algo importante social e politicamente pode comprometer a emancipação individual por ainda algumas eras. Nesse sentido, importa trazer à luz o debate para que, paulatinamente, se resgate um equilíbrio que convenha entre os interesses da alma e os da carne.

### **Bibliografia**

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Fragmentos Filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é um dispositivo?* Trad. Nilcéia Valdati. Ilha de Santa Catarina: Outra travessia, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Trad. de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009, 92p.

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 8 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

BENDASSOLI, P.; SERAFIM, M. *Bebezões a bordo*. *GV Executivo: Fator Humano*. São Paulo, vol. 6, n. 1, pp. 49-53, Jan./Fev. 2007.

BENJAMIN, W. *O capitalismo como religião*. Trad. Nélio Schneider, Renato Ribeiro Pompeu. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos indivíduos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Nascimento da prisão. 11 ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, 277p.

FOUCAULT, M. *A governamentalidade*. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1978, pp. 277-293.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HOBBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos – O breve século XX (1914-1991)*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: Que é esclarecimento?* Textos Seletos. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3 ed. Editora Vozes: Petrópolis, RJ. 2005.

KEHL, M.R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R. e VANNUCHI, P. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. 2ª Edição. São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2007.

ORTEGA Y GASSET, J. *A Rebelião das massas*. Trad. Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 2011.

TABORELLI, Giorgio. *Ícones do Século XX*. São Paulo: Senac São Paulo, 1999.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.